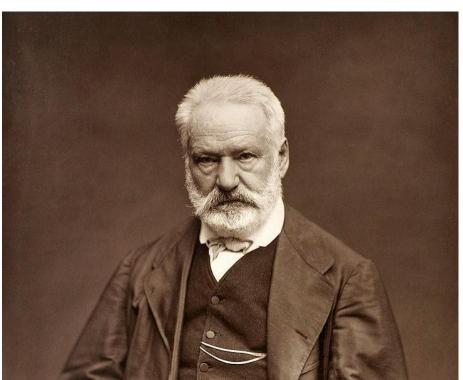
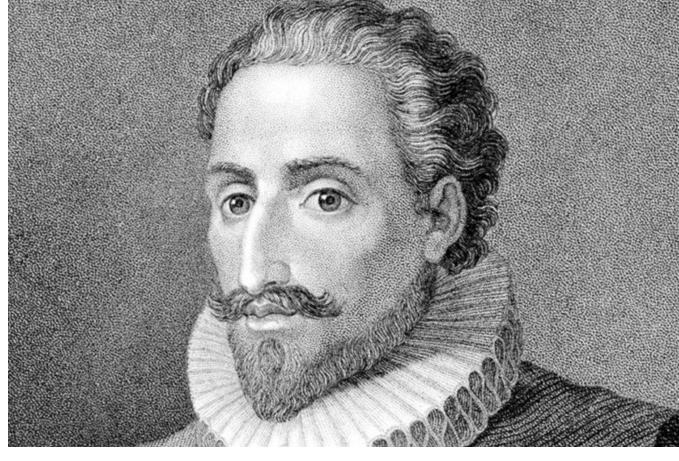


## CÂNONE LITERÁRIO













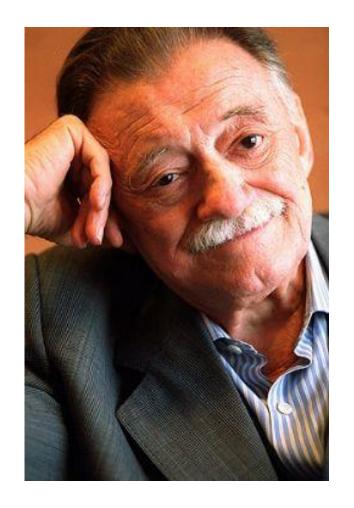
## O homem preso que olha seu filho

Homem preso que olha para seu filho

Quando eu era como você me ensinaram meus pais e também as professoras bondosas e míopes que liberdade ou morte era uma redundância quem podia imaginar em um país onde os presidentes andavam sem capangas

que a pátria ou a tumba era outro pleonasmo já que a pátria funcionava bem nos estádios e nos pastoreios

realmente meu filho eles não sabiam nada pobrezinhos acreditavam que liberdade era só uma palavra aguda que morte era palavra grave e cárceres por sorte uma palavra esdrúxula



Mário Benedetti

esqueciam de por o acento no homem a culpa não era exatamente deles mas sim de outros mais duros e sinistros

e estes sim como nos espetaram na limpa república verbal como idealizaram a vidinha de vacas e estancieiros

e como nos venderam um exército que tomava seu mate nos quartéis

a gente nem sempre faz o quer a gente nem sempre pode por isso estou aqui olhando pra você e sentindo sua falta

por isso é que não posso te despentear o cabelo nem te ajudar com a tabuada do nove nem te golear numa pelada



você já sabe que tive que escolher outras brincadeiras e que brinquei todas elas de verdade

e brinquei por exemplo de polícia e ladrão e os ladrões eram policiais

e brinquei por exemplo de esconde-esconde e se te descobriam te matavam e brinquei de pega-pega e escorria sangue de quem era pego

meu filho ainda que tenha poucos anos acho que tenho que te dizer a verdade para que não a esqueça

por isso não te escondo que me deram choques que quase me arrebentam os rins

todas essas chagas inchaços e feridas que seus olhos redondos olham hipnotizados são duríssimos golpes são botas na cara muita dor para que te esconda muito suplício para eu apagar

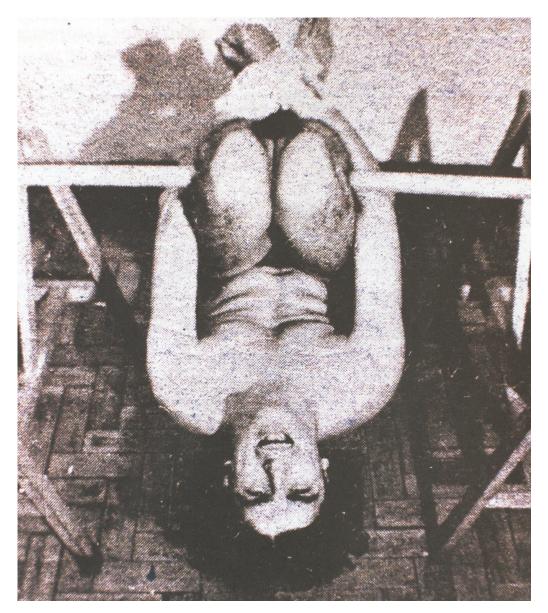


mas também é bom que saiba que teu pai calou ou xingou como um louco que é uma linda forma de calar

que teu pai esqueceu todos os números (por isso não poderia te ajudar nas tabuadas) e portanto todos os telefones

e as ruas e a cor dos olhos e os cabelos e as cicatrizes e em qual esquina em que bar que parada que casa

e lembrar de você da tua carinha me ajudava a calar uma coisa é morrer de dor e outra coisa é morrer de vergonha



por isso agora você pode me perguntar e mais que tudo eu posso responder a gente nem sempre faz o que quer mas tem o direito de não fazer o que não quer

chore apenas meu filho é mentira que os homens não choram aqui choramos todos gritamos berramos assoamos esperneamos porque é melhor chorar que trair porque é melhor chorar que se trair

chore mas não esqueça





## Os Primeiros Tempos da Tortura (Alex Polari)

Não era mole aqueles dias de percorrer de capuz a distância da cela à câmara de tortura e nela ser capaz de dar urros tão feios como nunca ouvi.

Havia dias que as piruetas no pau-de-arara pareciam ridículas e humilhantes e nus, ainda éramos capazes de corar ante as piadas sádicas dos carrascos.

Havia dias em que todas as perspectivas eram prá lá de negras e todas as expectativas se resumiam à esperança algo cética de não tomar porradas nem choques elétricos.

Havia outros momentos em que as horas se consumiam à espera do ferrolho da porta que conduzia às mãos dos especialistas em nossa agonia. Houve ainda períodos em que a única preocupação possível era ter papel higiênico comer alguma coisa com algum talher saber o nome do carcereiro de dia ficar na expectativa da primeira visita o que valia como um aval da vida um carimbo de sobrevivente e um status de prisioneiro político.

Depois a situação foi melhorando e foi possível até sofrer ter angústia, ler amar, ter ciúmes e todas essas outras bobagens amenas que aí fora reputamos como experiências cruciais.

## Moral e Cívica II (Alex Polari)

Eu me lembro usava calças curtas e ia ver as paradas radiante de alegria. Depois o tempo passou eu caí em maio mas em setembro tava pelaí por esses quartéis onde sempre havia solenidades cívicas e o cara que me tinha torturado horas antes, o cara que me tinha dependurado no pau-de-arara

injetado éter no meu saco me enchido de porrada e rodado prazeirosamente a manivela do choque tava lá – o filho da puta segurando uma bandeira e um monte de crianças, emocionado feito o diabo com o hino nacional.